



Depois do transplante de coração, o regresso a casa: o corpo no centro dos primeiros insights da experiência vivida

António José Ferreira¹

 orcid.org/0000-0002-0919-9082

Joaquim Oliveira-Lopes²

 orcid.org/0000-0003-2571-7078

¹ Centro de Cirurgia Cardiorábrica e Transplantes de Órgãos Torácicos, Unidade Local de Saúde de Coimbra, Coimbra, Portugal; Centro de Investigação, Inovação e Desenvolvimento em Enfermagem de Lisboa, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Lisboa, Portugal

² Centro de Investigação, Inovação e Desenvolvimento em Enfermagem de Lisboa, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Lisboa, Portugal

Introdução

A realização de um transplante de coração afeta positivamente a qualidade de vida e o estado funcional da pessoa transplantada, no entanto, existem vários desafios com os quais se vai deparar no regresso à vida quotidiana.¹

Assim, o regresso a casa da pessoa transplantada ao coração é mediado com alguma ansiedade, mas também na expectativa de que os principais desafios da recuperação serão ultrapassados. Mas, como é que a pessoa de volta à sua vida quotidiana integra o coração transplantado no novo esquema corporal?

Objetivo

Descrever os primeiros insights a partir do organizador existencial, “o corpo vivido”, no regresso a casa da pessoa após transplante de coração.

Métodos

Os resultados preliminares apresentados fazem parte de uma investigação fenomenológica e hermenêutica suportada por uma metodologia proposta por van Manen.²

Foram realizadas nove entrevistas a transplantados ao coração que regressaram a casa há mais de três meses, com idades compreendidas entre os 38 e os 62 anos. As entrevistas com duração média de 70 minutos, foram gravadas em ficheiros áudio e transcritas em verbatim. A análise dos achados é inspirada numa linha fenomenológica interpretativa a partir de uma reflexão macro e microtemática, realizada em vários momentos de análise, no sentido de extrair os significados do texto.² Obtido parecer favorável da comissão de ética.

Resultados

O regresso a casa é marcado pelas limitações físicas que condicionam o autocuidado: deambular, levantar-se, subir escadas, tomar banho, usar o sanitário, são as dificuldades mais referidas.

Preocupação com as infeções e com a rejeição fazem muitas vezes emergir o receio de voltar a ser internado, sendo que, a rejeição pode ser vista como um combate permanente entre os órgãos nativos e o “órgão estranho”.

Novos hábitos de vida que a pessoa se vê na obrigação de adotar, como por exemplo, a escolha entre fazer uma alimentação mais saudável, fazer exercício físico regular, restringir a frequência de locais e o convívio com outras pessoas, são a causa de conflitos psíquicos internos.

Conclusão

As dificuldades físicas, a evolução na capacidade de autocuidado e as estratégias utilizadas são referências comuns nesta análise inicial. No entanto, também emergem os conflitos emocionais e a necessidade, muitas vezes descurada, mas manifestada pelo próprio, por uma maior atenção da sua dimensão psíquica.

Palavras-chave

Transplante de coração; Experiência vivida; Regresso a casa; Fenomenologia; Autocuidado

Bibliografia

1. Cebeci F, Cetin C, Catal E, Bayezid O. Life experiences of adult heart transplant recipients: a new life, challenges, and coping. *Qual Life Res.* [Internet] 2021 [cited 2024 Feb 07]; 30(6):1619–27. Available from: <https://doi.org/10.1007/s11136-021-02763-y>

Autor de correspondência:

António José Ferreira

E-mail: antonio.jsfer@gmail.com



2. van Manen M. Phenomenology of practice: Meaning-Giving Methods Phenomenological Research and Writing. USA: Routledge, Taylor & Francis Group; 2014. 413 p.